

# Hipertexto, noticiabilidade e teoria do jornalismo na web



*Mauro Ventura*

*Doutor em Letras (USP)*

*Professor de Pós-graduação em Comunicação da Unesp*

*E-mail: mauroventura@faac.unesp.br*

**Resumo:** O artigo estuda alguns aspectos ligados à linguagem do hipertexto em sua relação com os critérios de noticiabilidade e as implicações daí resultantes para uma teoria do jornalismo na web. Tomando por base os modelos de análise de Jean Clément e Mark Deuze, são estudados os mecanismos de construção da narrativa digital, de onde se conclui que ocorre uma disjunção entre prática hipertextual e critérios de noticiabilidade.

**Palavras-chave:** hipertexto, webjornalismo, critérios de noticiabilidade, teoria do jornalismo.

*Hipertexto, criterios de noticias y teoría del periodismo en la web*

**Resumen:** El artículo examina algunos aspectos del lenguaje del hipertexto en relación con los criterios de las noticias y las consiguientes consecuencias para una teoría del periodismo en la web. Basado en el modelo de análisis de Jean Clément y Mark Deuze, se estudian los mecanismos de construcción de la narrativa digital, que llega a la conclusión de que existe un desfase entre la práctica hipertextual y criterios para la noticia.

**Palabras clave:** hipertexto, webperiodismo, criterios de noticias, teoría del periodismo.

*Hipertext, news value criteria and theory of journalism on the web*

**Abstract:** The article examines some aspects of language of the hypertext in relation to the criteria of news and the resulting implications for a theory of journalism on the web. Based on the models of analysis of Jean Clément and Mark Deuze, are studied the mechanisms of construction of digital narrative, which concludes that there is a disjunction between hypertextual practice and criteria for news.

**Key words:** hypertext, webjournalism, news value criteria, theory of journalism.

## Introdução

Documento polimorfo por definição, o hipertexto constitui-se a partir da não-linearidade e da multiplicidade de lexias, cujo agenciamento tecnológico se configura pela capacidade de interconectar diferentes documentos digitais. A passagem do texto ao hipertexto instaura procedimentos de produção e recepção que vão além do suporte comunicacional para estender-se pelo próprio processo de cognição. Como assinala Lúcia Leão, a textualidade digital enquanto estrutura estável deixa de existir com a comunicação mediada por computador:

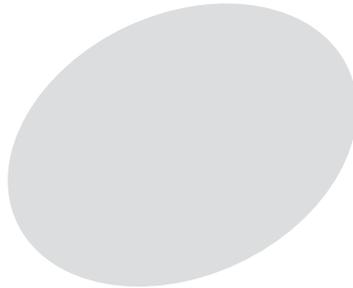
Com os computadores estamos vivendo um outro tipo de experiência, a da ilimitada mutabilidade. O texto processado via computador pode ser reorganizado infinitamente. Já não temos mais nem mesmo as marcas das correções (Leão, 2001:65-66).

Disso pode-se deduzir que a experiência hipertextual instaura uma nova dinâmica discursivo-cognitiva, cujas conseqüências podem ser observadas em dois níveis: no *modus operandi* da atividade jornalística, que passa a apresentar constantes mudanças; e na própria construção do discurso jornalís-

tico. De acordo com Bolter, estamos diante de uma escrita topográfica. “Não é a escrita de um lugar, mas, mais propriamente, uma escrita com lugares, com tópicos concebidos espacialmente” (apud Leão, 2001:112).

O que ocorre com o processo textual quando entra em cena uma escrita multidimensional e fragmentada em blocos? É de se perguntar também sobre a função dos ele-

*No hipertexto, as interrupções de leitura e as rupturas cognitivas são as marcas mais imediatas do percurso de sentido*



mentos essenciais do trabalho jornalístico, como a hierarquização e a organização do conteúdo, diante dessa escrita rizomática, que se liga em múltiplas direções e está sempre aberta a mudanças.

Na esfera dos estudos de jornalismo, torna-se cada vez mais relevante estudar as conseqüências dessa textualidade digital na produção, no conteúdo e na própria recepção das informações que circulam na web. Pavlik e Ross (apud Deuze, 2006a:19) sintetizam o impacto dos novos *media* em quatro fatores distintos: a) no conteúdo das notícias e reportagens; b) nas rotinas produtivas que se instauram nas redações; c) no modo de trabalho dos jornalistas; d) nas relações que os agentes mediáticos (empresários, jornalistas, público, concorrência, fontes etc.) passam a estabelecer entre si.

Para além de posicionamentos utópicos ou anti-utópicos envolvendo teorias e diagnósticos que, ora defendem a substituição de modelos, ora argumentam que as novas mídias trazem consigo uma visão eufórica que esconde velhas questões, interessa investigar os aspectos de ruptura e continuidade que

envolvem as discussões e embates entre mídias tradicionais e novas.

Acredito que, como aponta Deuze, o caminho mais adequado talvez seja posicionar-se ao lado de autores que:

Argumentam que os novos meios de comunicação aceleram, amplificam e, às vezes, mutilam processos que já existiam no contexto mediático tradicional – em vez de afirmar simplesmente que a tecnologia tem ‘efeitos’ positivos e negativos sobre o jornalismo (Deuze, 2006a:16-17).

Nesse sentido, não será exagero propor a existência de uma correspondência entre a estrutura aberta, não-linear, descentralizada, rizomática e multivocal que caracteriza a escrita hipertextual e o conceito de “modernidade líquida” ou “sociedade líquido-moderna”, desenvolvido por Bauman.

Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais seus membros agem mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente (Bauman, 2007:7).

O diagnóstico da contemporaneidade acima referido encontra, pois, o seu correlato na conhecida máxima de Deleuze e Guattari sobre o hipertexto enquanto cartografia, documento nômade, pronto para ser desmontado, “conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (Deleuze; Guattari, 1995:19). Tais assertivas acarretam implicações decisivas para o processo de constituição do discurso jornalístico e também para o seu modo de produção. É o que se propõe a examinar o presente artigo, no contexto da digitalização e das narrativas na web, bem como no âmbito do jornalismo enquanto campo de estudos.

Ora, se uma das funções da imprensa é organizar o caos da informação e, nesse sentido, pode-se dizer que a linguagem jornalística opera uma ordenação discursiva com a finalidade de proporcionar aos leitores um

acesso rápido e seguro às informações relevantes (pelo menos assim deveria ser), então o que fazer com a percepção fragmentada acima referida? Que procedimentos devem ser observados no âmbito da produção de um hiperdocumento jornalístico para “possibilitar a um grande número de leitores, cujos conhecimentos e interesses são diferentes, o acesso rápido e seguro às informações desejadas?” (Koch, 2007:32). No processo de arquitetura da informação, os links desempenham papel crucial na continuidade temática garantidora de sentido de um texto graças às funções dêiticas e coesivas da linguagem.

Os links são dotados de função dêitica pelo fato de monitorarem a atenção do leitor no sentido da seleção de focos de atenção (...) e desempenham uma função coesiva por amarrarem as informações ‘soldando’ peças esparças de maneira diferente (Koch, 2007:26).

No hipertexto, as interrupções de leitura e as rupturas cognitivas são as marcas mais imediatas do percurso de sentido que, aliás, será sempre um dentre muitos possíveis, já que estamos diante de uma escritura nômade, ou seja, que se estende de forma rizomática a cada escolha feita pelo leitor no labirinto. Tanto a espacialidade topográfica quanto a volatilidade própria do suporte digital vão na direção contrária ao monologismo e à linearidade que costumam caracterizar o discurso informativo. Como afirma Koch, “o hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas por meio de buscas, descobertas e escolhas que irão levar à produção de um sentido possível, entre muitos outros” (Koch, 2007:29).

Nada mais contrário aos preceitos tradicionais do jornalismo do que essa multiplicidade de caminhos. Vem daí a necessidade de monitoramento por parte do produtor de hipertexto jornalístico, que focaliza a atenção do leitor para aquilo que atende aos seus critérios de seleção e edição da notícia. Por outras palavras, os elementos do jornalismo, quando aplicados à escrita hipertextual, funcionam como redutores da complexidade e

promovem, assim, um retorno à linearidade. Por outro lado, ao fazê-lo, reduzem o “stress cognitivo” a que o leitor de hipertexto é submetido nessa viagem de múltiplas trilhas.

Desse modo, o processo de ordenação discursiva operada pelos hiperdocumentos jornalísticos tem por finalidade manter no leitor a continuidade temática fundadora do sentido. Caso contrário, a leitura tomará o rumo de uma conexão em cascata e o leitor será levado “de um link a outro e, a partir do novo texto acessado, por meio de novos links, a outros textos, e assim sucessivamente” (Koch, 2007:30).

### Hipertexto e discurso jornalístico

Vê-se, assim, que o preço a pagar pela estruturação da escrita hipertextual segundo os critérios do discurso jornalístico é o comprometimento de alguns dos fundamentos do trabalho jornalístico. Neste ponto, torna-se necessário buscar uma redefinição do conceito de texto jornalístico a partir do impacto desses novos paradigmas. Antes, porém, convém examinar o campo semântico que recobre o próprio conceito de texto.

A primeira dessas implicações está na relação entre texto e livro. Na história das tecnologias da escrita, o texto existe em função de seu suporte material, no caso, o livro. A textualidade digital instaura uma nova relação entre esses elementos. Veja-se o caso dos processos de digitalização. Quando se digitaliza um texto no modo “somente texto”, por exemplo, este torna-se manipulável eletronicamente. Como assinala Jean Clément (2004), é o próprio livro enquanto objeto que desaparece, juntamente com as referências de paginação e os instrumentos de leitura. Estamos diante de uma alteração nos modos clássicos de leitura.

“Nessa perspectiva, o texto não é mais lido de maneira linear em seu eixo sintagmático, é sondado em seu eixo paradigmático” (Clément, 2004:31). Para além do texto eletrônico, é a técnica do hipertexto que aprofunda a mudança epistemológica em curso,

passagem para uma visão mais complexa e menos fechada do conceito de texto.

Dito de outro modo, passagem do livro ao texto. Como indica Barthes (1988:74), texto enquanto passagem, travessia, disseminação. A textualidade digital e a noção de rede instauram, assim, um novo conceito de texto, desligado do livro enquanto objeto. “O texto não passa de um fluxo imaterial cujo suporte é inacessível ao leitor”, escreve Clément (2004:35). As conseqüências do desaparecimento da idéia de suporte são profundas também no que se refere aos conceitos de autor e leitor.

Uma relação dialética agora permeia as funções clássicas da textualidade. No ciberespaço, o livro enquanto objeto desaparece e o texto assume sua materialidade. Como observa Nunes, “os utilizadores da Net são igualmente obreiros que assumem a construção de uma narrativa baseada na interatividade permanente” (Nunes, 2007:04). Ainda que o usuário realize operações pré-estabelecidas pelo seu navegador (*browser*), é certo que os percursos são dados não mais pelo autor e sim pelas escolhas do leitor no interior da arquitetura da informação. Nesse sentido, navegar pelo labirinto da hipermídia é já produzir sentido, o que transforma o leitor de hipertexto também num autor.

Isso sem falar na multiplicidade de autores possibilitada pela rede, fato que provoca uma desvalorização da noção de autoria. “Com o apagamento da figura do autor, o texto perde o que sustenta, em parte, sua autoridade. Sua publicação em rede completa essa desestabilização” (Clément, 2004:34).

Cabe destacar que o dispositivo hipertextual questiona a textualidade em três atributos essenciais: a fixação do escrito, sua linearidade e, principalmente, o caráter finito imposto pelo livro-objeto. Conforme Babo, os traços do hipertexto são:

O abandono da fixidez pela maleabilidade ou mutabilidade constante, o abandono da linearidade pela natureza reticular, assim como a abertura às remissões inter e intra-

textuais, o que provoca um descentramento quer da linearidade, quer do próprio núcleo textual, para além do consequente descentramento do nó-da-intriga e da unidade de ação, no caso dos textos narrativos (Babo, 2004:108).

A passagem acima é importante para se pensar a narrativa jornalística. Ora, quais as implicações desse descentramento do núcleo textual e da unidade de ação para os elementos do discurso jornalístico? E quais as conseqüências da digitalização e do uso da hipermídia no modo de trabalho dos jornalistas, e em sua relação com os demais agentes midiáticos? Já são por demais conhecidas as teses de Lévy (1997) sobre a inteligência coletiva. Se cada vez mais o conhecimento de um assunto ocorre pela multiplicidade de pontos de vista e se os processos de produção textual passam pela participação do público, talvez não seja incorrer em utopismo falar, a exemplo de Hartley (2000), em surgimento de uma “sociedade redacional” em escala global.

Com efeito, é essa noção que permite que falemos de experiências de jornalismo aberto, mais colaborativas, responsáveis e verdadeiramente interativas no processo de construção da notícia (Deuze, 2003:219). O desafio será fazer com que a cultura do trabalho jornalístico admita as tendências – cada vez mais concretas e, penso eu, inevitáveis, dadas as possibilidades tecnológicas que estão à disposição do público – colaborativas e as faça convergir com a tradição de uma prática hoje exercida exclusivamente por profissionais. Como assinala Deuze:

There is no doubt that a future news system will be based - at least in part - on an interactive and connective mode of production where media makers and users will co-exist, collaborate and thus effectively compete to play a part in the mutual (yet never consensual, as Niklas Luhmann has noted) construction of reality (2006b:7).

A pergunta nos conduz a um problema central no processo de produção jornalística, que é o dos valores-notícia, ou também

denominados critérios de noticiabilidade. Como assinala Traquina (2005), os valores-notícia são elementos centrais da cultura jornalística, pois são eles que determinam “se um acontecimento ou assunto é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor notícia” (idem:63).

Não está no escopo deste artigo efetuar um estudo sobre os critérios de noticiabilidade em si, mas destacar aqueles fatores que podem estar sujeitos a implicações resultantes do uso da tecnologia hipermidiática no âmbito jornalístico.

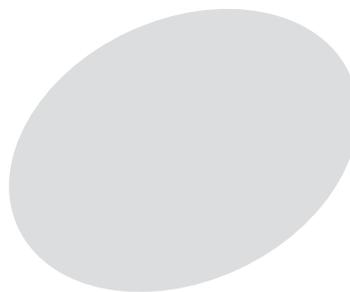
Assim, cabe investigar como operam os valores-notícia e que sentido adquirem no interior do discurso jornalístico digital. De acordo com Ericson, Baranek e Chan (apud Traquina, 2005), são seis os valores-notícia de construção: simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância. Destes, abordaremos três – a simplificação, a dramatização e a consonância –, por entendermos que sofrem modificações quando inseridos no processo de produção da notícia digital.

O primeiro critério de noticiabilidade é, como dissemos, a **simplificação**, e pressupõe que o potencial de compreensão de uma notícia pelo leitor seja inversamente proporcional ao grau de ambigüidade e de complexidade. A esse respeito, escreve Traquina:

Uma notícia facilmente compreensível é preferível a uma outra cheia de ambigüidade. (...) Os jornalistas têm obrigação de escrever de uma forma fácil de compreender; por simplificação, portanto, entendemos tornar a notícia menos ambígua, reduzir a natureza polissêmica do acontecimento (2005:91).

O processo de constituição do discurso jornalístico, que se verifica no decorrer do século XIX, se faz através da incorporação de expedientes narrativos – como a legibilidade e a descrição – que contribuem para estruturar a reportagem enquanto gênero específico do jornalismo. A legibilidade é o

mecanismo pelo qual um enunciado adquire eficácia para transmitir uma informação. De acordo com Philippe Hamon (1972), o discurso legível é aquele que se estrutura a partir de constantes reapresentações, em determinadas partes do texto, de informações já referidas anteriormente. Essa característica torna o texto informativo tautológico e está associada a um desejo pedagógico de transmitir uma informação e evitar ao máximo todos os ruídos que possam interferir no bom recebimento de uma mensagem. Em outras palavras, trata-se, como diz Traquina, de evitar a ambigüidade.



*Navegar pelo labirinto da hipermídia é já produzir sentido, o que transforma o leitor de hipertexto também em autor*

Ora, a escrita hipertextual coloca em questão exatamente a pertinência desse paradigma da simplificação, buscando repensar o fenômeno do crescimento avassalador da informação a partir do campo epistemológico da complexidade. Conforme Clément (1998), o hipertexto pode ser considerado uma resposta apropriada a esse novo paradigma da complexidade. Nesse sentido, ao reduzir a natureza polissêmica do acontecimento, o discurso jornalístico exclui do âmbito de sua práxis a diversidade, figura capital da complexidade.

L'ypertexte instrumentalise la complexité. En d'autres termes, l'émergence de l'ypertexte, qui est contemporaine de celle de la notion épistemologique de complexité, apparaît à certains égards comme une réponse à la difficulté posée par l'irruption de la complexité dans le champ de la pensée et du discours (Clément, 1998:39-40).

Inserido no paradigma da simplificação, o critério de noticiabilidade em questão segue os padrões do determinismo científico, bem aquém da complexidade e da ruptura possível quando se trabalha com o conceito de hipertexto.

*A escrita hipertextual coloca em questão o paradigma da simplificação, buscando repensar o fenômeno do crescimento avassalador da informação*



A ambigüidade e o ruído são concebidos enquanto fatores de perturbação numa dada situação de comunicação. Do ponto de vista da complexidade, esses fatores que geram desordem no sistema passam a ser concebidos como elementos cuja presença é não apenas inevitável como necessária. A desordem e o caos não são somente resíduos que permanecem após a operação de organização dos sistemas. Pelas palavras de Clément:

Le désordre n'est plus seulement le résidu de nos tentatives pour comprendre le monde, il est irrémédiablement inscrit au coeur de l'univers conçu comme un système complexe. Nous vivons et pensons désormais sous le paradigme de la complexité (1998:41).

O segundo valor-notícia a ser afetado pelas implicações do hipertexto é a **continuidade**, e seu correlato, a **consonância**. Segundo Traquina, um “acontecimento específico é mais noticiável se for contínuo a acontecimentos prévios, no sentido em que o repórter é capaz de o colocar num enquadramento saliente” (2005:74). Dito de outro modo, e ecoando as observações de Ericson, Baranek e Chan (apud Traquina, 2005), a noticiabilidade está ligada a um encadeamento prévio de fatos, em que o acontecimento “novo” precisa ser inserido

numa narrativa já estabelecida. “A noticiabilidade implica o estabelecimento de um fluxo de notícias em termos de estruturas para os visualizar”, escreve Traquina (idem:74).

O novo, por si só, não tem valor-notícia; é preciso ainda que ele esteja inserido num enquadramento familiar, ou seja, é necessário que haja uma regularidade, uma consonância.

Com efeito, esse critério entra em conflito direto com um dos atributos essenciais do hipertexto, que é a descontinuidade. Alguns autores (Koch, 2007; Salaverría, 2005) preferem o uso do termo não-linearidade para caracterizar a estrutura reticular e não-sequencial do hipertexto. Cumpre assinalar, porém, que, como argumenta Clément, a não-linearidade não implica obrigatoriamente descontinuidade textual: “la non linéarité doit être définie du point de vue du dispositif et non pas du point de vue discours” (1995:3).

É, pois, o percurso de leitura/escrita arborescente que está em questão. Até mesmo textos multilineares podem derivar de dispositivos que não se inserem no paradigma da complexidade. Salaverría (2005:105) classifica as estruturas discursivas axiais ou lineares em unilineares e multilineares, que, por sua vez, subdividem-se em arborescentes e paralelas. Para que uma estrutura hipertextual seja reticular, são necessários pelo menos três nós. Se a mesma apresentar apenas dois nós, será classificada de axial, já que estabelece apenas um único roteiro de ida e volta. Do ponto de vista do dispositivo tecnológico, já se poderia concluir que o valor-notícia da **continuidade** não faz sentido na escrita verdadeiramente hipertextual.

Mas vejamos a questão do ponto de vista narrativo. Uma das figuras do discurso fundamentais para se compreender o funcionamento do hipertexto é o assíndeto, que ocorre sempre que há uma disjunção ou supressão dos termos de ligação entre duas sentenças. O efeito é um deslocamento da linguagem ocasionado pela ausência de termos de ligação. Ruptura, surpresa e desorientação são os efeitos do assíndeto no discurso. Escreve a esse respeito Clément:

Dans l'hypertexte informatif, explicatif ou argumentatif, l'asynète est moins bien supportée par le lecteur, qui a besoin qu'on lui fournisse une justification intellectuelle aux sauts de la pensée et deteste passer du coq à l'âne (1995:07).

Enquanto a ficção hipertextual pode transformar essa figura de linguagem num modo narrativo, o webjornalismo impõe limites, já que a desconstrução da linguagem pode comprometer o aspecto cognitivo.

O terceiro valor-notícia que destacamos é a **dramatização**. Aqui estamos diante de uma ênfase para os aspectos emocionais e conflituais do acontecimento, questão que nos remete à função narrativa do discurso jornalístico. Conforme Sodré e Ferrari (1986), os expedientes discursivos típicos da narrativa sustentam-se na ação e no detalhamento dos fatos, transformando o leitor em testemunha do ocorrido.

[A narrativa] traz os fatos para um enunciado, isto é, exprime a manifestação desses fatos através de um discurso que se oculta como discurso: não se percebe que há alguém narrando; mais parece que os acontecimentos têm vida própria e se exibem diante do leitor (1986:21).

Esse efeito de que a história parece contar-se sozinha não é outra coisa senão o efeito de real provocado pela ausência de signos do enunciante. Isso fica evidente quando se examinam os recursos utilizados pela narrativa jornalística, principalmente no que se refere à descrição espacial da ação, à preferência pela humanização do relato e pelo enfoque dos modos de vida e dos valores culturais. Em texto hoje clássico, Barthes denomina esse fenômeno de ilusão referencial e ocorre sempre que o enunciador deixa “o referente falar por si só” (Barthes, 1988:149).

Nesse sentido, a dramatização é o fio condutor da narrativa, que desdobra as clássicas perguntas do *lead* e faz com que os elementos da história sejam conduzidos pelo autor (no caso, o repórter) sem que este se confunda com qualquer das personagens. Estamos no plano das narrativas oniscientes e lineares,

base sobre as quais se constitui o discurso do jornalismo. A pergunta necessária aqui é: pode a escrita hipertextual suplantar o discurso onisciente da mídia? É o que procuraremos responder a seguir.

## ● Estratégias discursivas no hipertexto

A disjunção entre prática hipertextual e critérios de noticiabilidade no jornalismo que se procurou delimitar neste artigo conduz agora a discussão para a busca de possibilidades discursivas no jornalismo on-line. Como dissemos há pouco, Salaverría (2005:101-108) estabelece duas grandes estruturas narrativas para a notícia digital: as axiais e as reticulares. O próprio autor esclarece que não são modelos, mas tentativas de descrição das possibilidades discursivas na web. Somente um trabalho de observação empírica poderia confirmar tais possibilidades ou descrever as variações de construção hoje empregadas pelos principais sites de webjornalismo, tarefa que não está no escopo deste artigo.

Nosso objetivo concentra-se no estudo das implicações resultantes do uso das potencialidades do hipertexto, que requer a elaboração de um itinerário de leitura que ultrapasse a simples inserção de links nas reportagens.

O estudo das práticas e modelos de produção no webjornalismo requer um esforço de classificação dos diferentes tipos de jornalismo na web. Tomamos por base a categorização estabelecida por Deuze (2006a) por entendermos que leva em consideração tanto aspectos internos da prática jornalística (como linguagem e processo de produção), quanto fatores externos (tecnologia e esfera do receptor).

De acordo com Deuze, o webjornalismo precisa ser analisado a partir de uma tipologia que contemple duas espécies de fatores: a) a existência ou não de moderação na participação do usuário; b) a prioridade no conteúdo ou na conectividade. Conforme indica o gráfico a seguir, o eixo horizontal exemplifica o funcionamento das organizações mediáticas e pode variar de uma ênfase tanto no conteúdo editorial, como é o caso

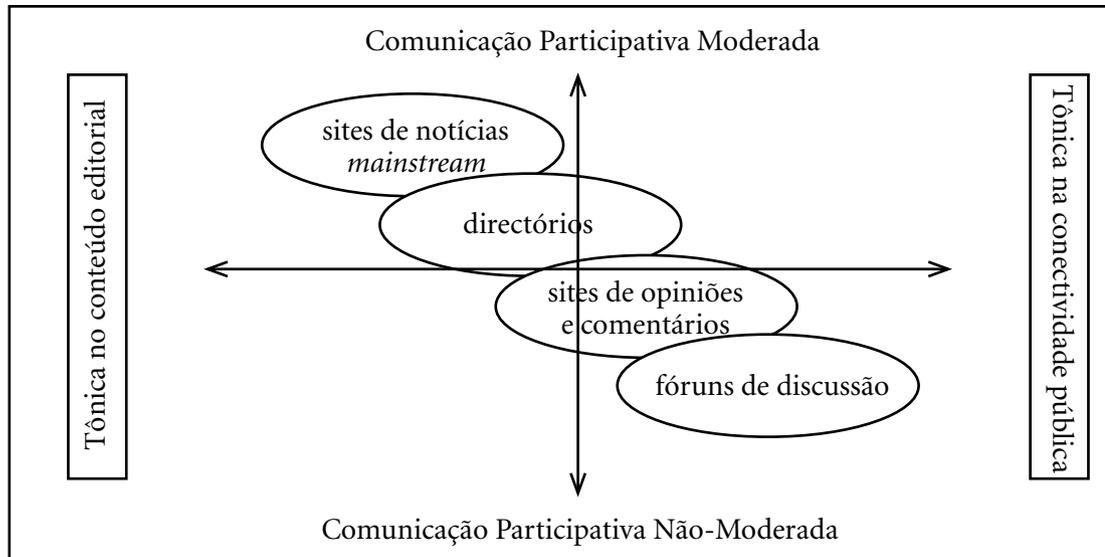


Figura 1 – Uma tipologia de jornalismo Online. Fonte: Deuze (2006a)

dos portais e sites de notícias, quanto na conectividade, cujo exemplo maior são os fóruns de discussão. Já o eixo vertical representa a participação do receptor em função da existência ou não de moderação.

Uma das vantagens da classificação de Deuze reside na possibilidade de se avaliar o equilíbrio ou a integração entre o ato de produção e o ato de consumo dos conteúdos produzidos (via conectividade e moderação). Com efeito, uma das implicações do hipertexto que temos procurado destacar neste estudo está na convergência ou na crescente indistinção das categorias de autor e de leitor na web.

A textualidade digital instaura uma nova ordem de leitura (Ventura, 2007:60-61) e, nesse sentido, identificamos uma proximidade evidente entre as conceituações de Clément e Deuze, quando este se refere à crescente indistinção entre produtores e consumidores da mídia.

What is particularly salient about these trends is a further blurring of the carefully cultivated dividing lines between the professional and the amateur, and between producers and consumers of media (Deuze, 2008:858).

Observa-se, assim, mais do que uma convergência entre as culturas de produção e

de consumo midiáticos: acreditamos poder mesmo falar em uma tendência à disseminação de atitudes anti-hierarquizadas em que o conhecimento sobre um tema qualquer passa a ser construído pela exposição de múltiplos pontos de vista, como num caleidoscópio.

As operações lógicas de construção de sentido no hipertexto incluem a forma e a ordem pela qual esse discurso se estrutura, ou seja, o itinerário seguido pelo leitor no interior do documento. Desse modo, o hipertexto somente se constitui em figura da complexidade na medida em que se estrutura de forma reticular, o que implica, como dissemos anteriormente, a existência de pelo menos três nós, permitindo, assim, mais de um itinerário de ida e volta.

Estamos diante de um sistema acentrado e não-hierarquizado, em que os elementos são todos intercambiáveis. Num contexto maior, esse raciocínio conduz à teoria das organizações acentradas. Ocorre que pensar num jornalismo que não esteja estruturado a partir de um centro organizador pode parecer inviável. No entanto, é preciso pensar em termos de pares categoriais, como ordem/desordem, simples/complexo, determinação/acaso, seqüencial/não-sequencial. Como escreve Leão, “só há ordem complexa nos sistemas hipermediáticos se existir a conjunção entre desordem e ordem”

(2001:65). Se estamos defendendo a possibilidade de uma práxis jornalística no âmbito da complexidade, esta somente se viabiliza sobre o território da simplicidade, do seqüencial e da ordem. A organização da complexidade se faz, assim, no plano de uma estrutura policêntrica.

Levada ao extremo, a estrutura reticular do hipertexto influi na própria organização do material noticioso, na medida em que a narrativa jornalística opera num registro essencialmente linear. Como observa Salavería, “recorrir a uma estructura reticular no es, por tanto, la mejor alternativa para narrar relatos” (2005:106). Somente aquelas informações que não necessitam de um eixo podem ser estruturadas reticularmente, como é o caso de elementos como datas, cifras, indicadores, infografias, listas, tópicos etc.

No webjornalismo, a linearidade narrativa ainda permanece intocada e é de se perguntar sobre a possibilidade de se criar novos expedientes discursivos que sejam construídos a partir dessas potencialidades trazidas pela tecnologia hipermediática. As limitações

não são poucas, haja vista que pressupor um jornalismo sem hierarquização de conteúdo equivale a praticar um jornalismo sem capa e sem manchetes, ou seja, sem primeira página. Acreditamos que uma das possibilidades seria a ampliação do uso de recursos como o *slideshow*, que permitiria um rodízio permanente do conteúdo na homepage. Os critérios de edição no webjornalismo ainda estão baseados numa conexão do tipo matéria principal/contéudo relacionado, e distantes, portanto, de produzir estruturas reticulares, acentradas, desprovidas dos critérios de seleção do material noticioso, que sempre são, em alguma medida, arbitrários.

Algumas alternativas começam a surgir com a emergência de narrativas híbridas cuja organização interna lembra uma encenação dramatúrgica, o que conduziu Lévy (2000) a compreender a escrita hipertextual como uma montagem de espetáculo, cujo processo de construção já não pode ser enquadrado no modelo clássico da escrita jornalística. No entanto, é apenas um começo.

## Referências

- BABO, M. A. O hipertexto como nova forma de escrita. In: SÜSSEKIND, F.; DIAS, T. (Orgs.). **A historiografia literária e as técnicas de escrita**. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa: 2004. p.104-111.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BARTHES, R. O discurso da história. In: **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CLÉMENT, J. Do livro ao texto: as implicações intelectuais da edição eletrônica. In: SÜSSEKIND, F.; DIAS, T. (Orgs.). **A historiografia literária e as técnicas de escrita**. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa: 2004. p.28-35.
- \_\_\_\_\_. Hypertexte et complexité. In: **Études Françaises**. Montréal: Montréal University Press, v. 36, n. 2, 1998. p.39-40. Disponível em: <http://hypermedia.univ-paris8.fr/articles.htm>. Acesso em: 05/01/2009.
- \_\_\_\_\_. Du texte à l'ypertexte: vers une épistémologie de la discursivité hypertextuelle. In: BALPE, J.P.; LELU, A.; SALEH, I. (Coords.). **Hypertextes et hypermédias: réalisations, outils, méthodes**. Paris: Hermès, 1995.
- DELEUZE, G.; GATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DEUZE, M. The Web and its journalism: considering the consequences of different types of news media online. **New Media & Society**. London: SAGE, v. 5(2), 203-230, 2003.
- \_\_\_\_\_. O jornalismo e os novos meios de comunicação social. **Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo: UMESP, v. 9-10, n. 1, 2006a. p. 15-37.
- \_\_\_\_\_. Liquid Journalism. **International Communication Association & American Political Science Association**. Chicago: University of Illinois-Chicago, v. 16, n. 1, 2006b.
- \_\_\_\_\_. The changing context of news work: liquid journalism and monitorial citizenship. **International Journal of Communication**. Los Angeles: University of Southern California, v. 2, 2008. p. 848-865.
- HAMON, P. Qu'est-ce qu'une description?. **Poétique**. Paris: Editions du Seuil, n. 12, 1972. p. 470.
- HARTLEY, J. Communicational democracy in a redactional society: the future of journalism studies. **Journalism: theory, practice and criticism**, n. 1(1), 2000. p. 39-47.
- KOCH, I. G. V. "Hipertexto e construção do sentido". **Alfa**. São Paulo: UNESP, v. 51(1), 2007. p. 23-38.
- LEÃO, L. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- LÉVY, P. **O que é virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- NUNES, R. Informação multimídia: quando os leitores são construtores de narrativas. **BOCC: Biblioteca On-line das Ciências da Comunicação**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 20/02/2007.
- SALAVERRÍA, R. **Redacción periodística en internet**. Navarra: EUNSA, 2005.
- SODRÉ, M.; e FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.
- TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. Vol. II: **A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.
- VENTURA, M. de S. Hipertexto e webjornalismo: implicações da textualidade digital no fazer jornalístico. **Comunicare**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, v. 7, n. 1, 2007. p. 57-63.